



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ANIELE DE MATOS SILVA

**DOCENTES À DERIVA: RELAÇÕES DE GÊNERO, PEDAGOGIA CULTURAL E O
TIK TOK**

**ITABAIANA
2025**

ANIELE DE MATOS SILVA

**DOCENTES À DERIVA: RELAÇÕES DE GÊNERO, PEDAGOGIA CULTURAL E O
TIK TOK**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação, da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, como requisito para obtenção do grau de licenciado(a) em Pedagogia.

Orientador(a):
Profa. Dra. Fernanda Amorim Accorsi

ITABAIANA
2025

ANIELE DE MATOS SILVA

**DOCENTES À DERIVA: RELAÇÕES DE GÊNERO, PEDAGOGIA CULTURAL E O
TIK TOK**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação, da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, como requisito para obtenção do grau de licenciado(a) em Pedagogia.

Orientador(a):
Profa. Dra. Fernanda Amorim Accorsi

Aprovada em: 21 de janeiro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Fernanda Amorim Accorsi
DEDI/UFS

Prof.^a. Dr.^a Joelma Carvalho Vilar
DEDI/UFS

Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira
DEDI/UFS

ITABAIANA
2025

Dedico este trabalho e toda a minha caminhada acadêmica aos meus pais, que me sempre fizeram de tudo que estavam ao alcance para que eu tivesse uma realidade diferente da deles. Sinto-me muito orgulhosa de ser filha de pequenos agricultores, que educaram duas filhas com muito suor e dedicação. Mãe, pai, isso é para vocês e por vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus e a Nossa Senhora, pois sem a minha fé não estaria realizando este sonho. Agradeço muito aos meus pais, Antônio e Joelma, por serem meu porto seguro e sempre estarem ao meu lado, sou imensamente grata por me ensinarem a nunca desistir e a toda minha família.

Não foi um processo fácil, várias adversidades contornaram meu caminho, mas, mesmo diante da correria entre trabalho e faculdade, sempre foquei nos meus objetivos. O percurso acadêmico é um pouco árduo, mas necessário, ele contribuiu muito para o meu desenvolvimento pessoal e social, por isso sou grata a todos/as mestres, na qual estiveram durante essa caminhada compartilhando seus saberes.

Agradeço a banca examinadora, a Prof.^a Dr.^a Joelma Carvalho Vilar e ao Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira, por aceitarem em fazer parte desse momento, disponibilizando seu tempo para a leitura e apresentação desse trabalho. Ambos, tem uma participação importante em minha formação acadêmica, foram docentes que, desde o primeiro período, em 2019, estiveram presentes nas salas, com aulas voltadas sempre para o pensamento crítico e incentivando a seguir uma formação repleta de autonomia e responsabilidade.

E por fim, agradeço a minha orientadora Prof.^a Dr.^a Fernanda Amorim Accorsi, por ter despertado um olhar para a Educação de Gênero, na qual eu não tinha, hoje eu vejo e reconheço que tudo é questão de gênero. Uma sementinha foi plantada diante das suas aulas e espero ser uma professora humana, responsável e comprometida com a educação como você.

RESUMO

O TIK TOK, como uma rede social transmissora de inúmeros conteúdos, é uma pedagogia cultural. Essa rede social chama a atenção das crianças. Com vídeos curtos e engraçados, na qual prendem a atenção de quem os assistem, são feitos de forma atrativa, com cerca de 60s de duração, assim, essa rede social tornou-se um lugar de aprendizados. O TIK TOK contém conteúdo que podem estimular a sexualização precoce e a objetificação do corpo, assim também como enaltecer a cultura do machismo e do patriarcado e intensificar os estereótipos do corpo feminino. Mediante a isso, a pesquisa investigou a visão de três docentes da rede pública de ensino sobre as representações feitas em sala de aula diante das relações de gêneros e temáticas citadas acima. Esse trabalho teve como pergunta orientadora: como as performances de gênero do TIK TOK aparecem no ambiente escolar a partir do olhar docente? Dialogando intelectualmente com as teorias e as respostas das professoras, o desenvolvimento do trabalho mostrou como é a visão das docentes e as suas perspectivas, a partir do objetivo da pesquisa, que foi investigar os estereótipos, os comportamentos e a objetificação do corpo feminino, mediante o que é visto no TIK TOK por meio do olhar das professoras. As três docentes foram chamadas de **Sam**, **Alex** e **Clover** para manter suas identidades em sigilo. A partir das respostas de cada uma foi possível conhecer, compreender e analisar como essa rede social pode estimular comportamentos e pensamentos das alunas e foi possível verificar como as docentes leem essa realidade. Cada docente descreveu de forma relevante suas experiências, a partir do que entende sobre as relações de gênero, sobre as performances de gênero que são reproduzidas no ambiente escolar e que são introduzidas por meio do TIK TOK, seus conhecimentos sobre essa rede social, se há formação para trabalharem essas temáticas e como elas se sentem diante dessa realidade. Com isso, o trabalho possui um caráter descritivo, unindo as teorias com as vivências de cada docente, valorizando suas perspectivas, conhecimentos e desafio. O trabalho trouxe resultados importantes para a perspectiva de uma pedagogia cultural, estruturada principalmente em uma rede social, mas, reproduzida no ambiente escolar e social, nas quais são relatados durante o desenvolvimento da pesquisa.

Palavras-chaves: Tik Tok, Estereótipos, Sexualização, Pedagogia Cultural.

RESUMO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

TIK TOK, as a social network transmitting countless content, is a cultural pedagogy. This social network attracts children's attention. With short and funny videos, which capture the attention of those who watch them, they are made in an attractive way, lasting around 60 seconds, so this social network has become a place for learning. TIK TOK contains content that can encourage early sexualization and objectification of the body, as well as praise the culture of machismo and patriarchy and intensify stereotypes of the female body. Therefore, the research investigated the view of three teachers from the public education network on the representations made in the classroom regarding gender relations and themes mentioned above. This work had as its guiding question: how do TIK TOK gender performances appear in the school environment from the teaching perspective? Dialoguing intellectually with the teachers' theories and responses, the development of the work showed what the teachers' vision and their perspectives are like, based on the objective of the research, which was to investigate the stereotypes, behaviors and objectification of the female body, through what is seen on TIK TOK through the teachers' eyes. The three teachers were called Sam, Alex and Clover to keep their identities confidential. Based on each person's responses, it was possible to know, understand and analyze how this social network can stimulate students' behaviors and thoughts and it was possible to verify how teachers read this reality. Each teacher relevantly described their experiences, based on what they understand about gender relations, about the gender performances that are reproduced in the school environment and which are introduced through TIK TOK, their knowledge about this social network, whether they have training to work on these themes and how they feel about this reality. Therefore, the work has a descriptive character, uniting theories with the experiences of each teacher, valuing their perspectives, knowledge and challenge. The work brought important results from the perspective of a cultural pedagogy, structured mainly in a social network, but reproduced in the school and social environment, in which they are reported during the development of the research.

Keywords: Tik Tok, Stereotypes, Sexualization, Cultural Pedagogy.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	AS PERCEPÇÕES DE QUEM VIVENCIA A SALA DE AULA	23
3	DAS SALAS, AS AULAS E SUAS RELAÇÕES DE GÊNERO	31
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
5	REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho foi inspirado na pesquisa de Mirths Mercês Costa Roque (2023), licenciada em Pedagogia, pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), que teve como título A pedagogia cultural da erotização infantil; análises de dança e música no TIK TOK, em que ela estuda, em específico, um vídeo com uma música, na qual a letra é de teor sexual. A partir dessa inspiração, este trabalho foi produzido no ano de 2024, junto do Grupo de Pesquisas e Estudos em Práticas Educativas, Corpo e Ambiente (PEPECA), cuja abordagem revelou as percepções de professoras sobre o que é visto/expressado nas salas de aulas, no comportamento das alunas.

Sob a hipótese, os comportamentos das alunas podem ser reflexo da sexualização precoce, objetificação do corpo e alguns estereótipos femininos, como por exemplo, saber maquiar-se e/ou estar sempre maquiada, ter o corpo sarado, músculos definidos, cabelos longos e lisos, a aceitação de um relacionamento e casamento sob a submissão ao homem e a normalização do patriarcado. Essa possível sexualização precoce acontece também nos meios de comunicação da terceira década do século XXI, que discutiremos a seguir.

A rede social na qual será discutida durante o trabalho é o TIK TOK e segundo Roque (2023, p. 14) afirma:

[...]plataforma em que é possível usuários/as compartilhar vídeos curtos de danças, dublagens, montagens, entre outros. A plataforma é chinesa e surgiu em 2014, com o nome Musical.ly, mas em 2017 foi comprada pela ByteDance, cuja conterrânea já apresentava um aplicativo parecido, e assim tornou-se TIK TOK.

E, por meio desses comportamentos, importamo-nos em compreender como os referidos estereótipos estão presentes nos ambientes educacionais. Por isso nossa **pergunta orientadora é:** como as performances de gênero do TIK TOK aparecem no ambiente escolar a partir do olhar docente? Presumo, pelas leituras realizadas nos trabalhos de Vargas (2023), Sousa (2023), Wagner (2016), Sommer (2016) e Mosna (2023), que o TIK TOK pode estimular uma possível sexualização precoce, bem como a manutenção dos estereótipos de gênero e a objetificação do corpo feminino na vida das alunas. A pesquisa trabalha intelectualmente em torno da referida presunção.

Mosna (2023, p.2) pontua:

[...]a questão complexa da erotização precoce, explorando as diferentes dimensões desse fenômeno, examinando como o TikTok, plataforma de

ampla difusão, pode influenciar e moldar as percepções, atitudes e comportamentos dos jovens consumidores.

A utilização dessa rede social traz possibilidades de aprendizados e percepções de uma temática na qual se faz necessário em sala de aula, assim também como em outros ambientes, pois entendo a pedagogia cultural como o conhecimento que não é produzido somente em sala de aula, pelos livros e demais materiais didáticos, os quais seguem os parâmetros para uma aprendizagem seguindo a BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Logo, o que é visto no TIK TOK torna-se aprendizado e pode passar a ser reproduzido no meio social. Em outras palavras, as mídias educam, contribuem para a formação social da mente e do comportamento dos sujeitos.

Desse modo, a pesquisa fundamenta-se nas vivências escolares, nas respostas das professoras entrevistadas e teorias que abordam as temáticas, as quais serão analisadas pela ótica dos Estudos de Gêneros, das Pedagogias Culturais e dos Estudos Culturais. Nesta perspectiva teórica-metodológica pós-estruturalista de fazer pesquisa, a introdução e a metodologia se fundem, de modo a articular o contexto, as teorias e o passo a passo da investigação, bem como o referencial teórico e a análise se retroalimentam, porque “[d]efendemos que a prática de fazer pesquisa está diretamente ligada à realidade vigente de uma época, aos membros de uma sociedade estudada, bem como os espaços de cultura existentes” (Accorsi, Teruya, 2020, p. 190/191).

Diante dessa perspectiva, essa pesquisa foi feita com base teórica feminista e entrevista estruturada com três docentes mulheres: uma da Educação Infantil, uma do Ensino Fundamental - Anos Iniciais e uma do Ensino Médio, todas atuantes na rede pública de educação da cidade de Lagarto/SE, sendo duas na rede municipal e uma na estadual, com o **objetivo geral** de investigar os estereótipos, os comportamentos e a objetificação do corpo feminino mediante o que é visto no TIK TOK por meio do olhar das professoras.

A escolha pelas docentes que lecionam em idades diferentes não foi feita de modo aleatório, pois se deu por meio das observações durante os períodos dos estágios. Foi notável como são diversos os conhecimentos advindos das redes sociais e como são perpassados no ambiente escolar, de aluno/a para aluno/a e de professora para professora.

Dessa forma, observar e conhecer as diferenças nos comportamentos e percepções das entrevistadas, tendo em vista que cada idade traz reproduções distintas daquilo que se aprende. Os **objetivos específicos são**: I) Problematizar o TIK TOK como pedagogia cultural de gênero refletindo sobre a ausência de uma política de faixa etária; II) Analisar as docentes da rede pública de Lagarto/Se sobre as reverberações do TIK TOK na escola; III) Relacionar

os estereótipos apresentados por essa rede social a partir das respostas apresentadas pelas docentes.

Entendemos que as representações apresentadas pelas redes sociais não são neutras e/ou descoladas da realidade social. Um exemplo disso é a animação voltada às crianças e adolescentes, como *As Três Espiãs Demais*, que reflete principalmente valores como o consumismo e a idealização do corpo perfeito, vivendo em uma cidade na qual o capitalismo e os estereótipos femininos aparentam ser inseridos de maneira desenfreada no cotidiano. Sousa e Vargas (2023, p. 308,) analisam que “[...]sendo destacada a ideia de que o corpo perfeito, o consumo, a moda e romance de pouca durabilidade estão presentes na rotina das protagonistas do desenho, convocando seus telespectadores a consumir essas propostas”.

Em outras palavras, o desenho é um convite à adesão de comportamentos e valores que, neste caso, estão associados às prerrogativas capitalistas e patriarcais. Ainda que contestemos a leitura passiva desta animação, nos apoiamos teoricamente nas críticas de Sousa e Vargas (2023) para usá-las como referência para substituir os nomes das nossas entrevistadas pelos nomes das personagens de *As Três Espiãs Demais*, mesmo porque as professoras atuam na escola como observadoras atentas, como se fossem nossas espiãs no contexto da educação básica.

Deste modo, os pseudônimos de nossas entrevistadas são **Sam, Alex e Clover**, não com o intuito de enaltecer os valores do desenho e suas prerrogativas, mas apenas utilizando os nomes das personagens. Essa escolha foi somente pelo fato de o desenho ter feito parte da minha infância, mas sobre a perspectiva de ser só mais uma animação com três meninas salvando o mundo dos perigos humanos.

A escolha das docentes foi feita por meio da participação e contribuição de cada uma durante o período da minha¹ graduação em Pedagogia. A professora **Sam** foi escolhida por ter sido a primeira professora durante o período do estágio I, o da Educação Infantil; ela leciona na rede municipal da cidade de Lagarto/SE. A professora **Alex**, assim como a **Sam**, foi a regente da sala durante o tempo do estágio II, no Ensino Fundamental - Anos Iniciais; ela é docente na rede estadual de Sergipe. Por último, a docente **Clover**, a qual faz parte da Instituição de ensino na qual foi realizado o estágio não obrigatório em um período de dois anos, também trabalha na rede estadual da mesma cidade, Lagarto/SE.

Cada uma das professoras escolhida teve sua cota de participação durante o período da graduação, **Sam** foi com quem aconteceu o primeiro contato com a sala de aula, ela era a

¹ A partir deste trecho, utilizarei a primeira pessoa do singular em todo o trabalho, afinal, como ensinam os Estudos Culturais, não há como desvincular autor/a de objeto.

professora regente durante o primeiro estágio, aquela na qual apresentou a realidade de uma sala da educação infantil pública. **Alex** deu seguimento as experiências do estágio com o Ensino Fundamental Anos Iniciais, as dificuldades da transição de um cotidiano escolar voltado ao lúdico para uma realidade um pouco mais conteudista, focada no processo de alfabetização. E a **Clover** mostrou como é possível trabalhar com adolescentes do ensino médio, diante de todos os hormônios aflorados e ao mesmo tempo reprimidos pelo tempo da pandemia do COVID-19, ela mostrou maneiras diferentes de ministrar uma aula, de incentivar a participação em projetos na qual a sociedade esteja inclusa, pois o/a aluno/a não é pertencente somente a sala de aula, mas membro de todo lugar na qual ele possa aprender e ensinar diante de uma pedagogia cultural. Concordo com Sousa e Vargas (2024, p. 304):

[...] os alunos (entendidos aqui também como sujeitos jovens), não dispõem apenas da escola como ambiente de aprendizagem, pelo contrário, grande parte desses jovens estão envolvidos em diversas práticas e espaços de interações presenciais ou virtuais, que muitas vezes sobrepõem ou superam o tempo dispensado à escola.

Como os aprendizados não se limitam somente as salas de aulas, mas sim em todo e qualquer ambiente, nas redes sociais de comunicação também existem aprendizagens, o que entendo como pedagogia cultural, pois são os diversos locais que contribuem para a composição das identidades dos sujeitos. E diante disso, é perceptível a pedagogia cultural em todas as etapas da educação, da pré-escola até o ensino médio na qual as relações de gênero estão presente de formas diferentes, nas características semelhantes e, principalmente, em locais muito frequentados e acessados. Magalhães e Ribeiro (2014, p. 39) afirmam que “[o] termo pedagogia cultural refere-se à ideia de que são muitos os espaços, além da escola, que nos educam, que veiculam conhecimentos e significados”.

A pedagogia cultural é divulgada pelas/com as redes sociais, e a construção dos significados e a sua reprodução pode evidenciar o que está sendo cultivado e normalizado. Diante do que é exposto no aplicativo TIK TOK, em vídeos curtos com uma média de até 60 segundos, inúmeras formas de uma possível sexualização e a objetificação do corpo também pode acontecer precocemente e sem nenhum acompanhamento familiar. O TIK TOK explicita que “[n]ão permitimos performances sedutoras ou alusões à atividade sexual de jovens ou o uso de narrativas sexualmente explícitas por qualquer pessoa. Permitimos alguns conteúdos artísticos com referências sexuais, como letras de músicas” (TIK TOK, 2024). O que o

aplicativo anuncia, em sua política, não foi bem exatamente o que tem sido visto pelas autoras que discutem o tema (Sousa, Vargas, 2024; Roque, 2023).

As crianças e os jovens assistem aos vídeos do aplicativo e podem se comportar a partir das referências encontradas. Nos espaços da sala de aula, esses comportamentos passam a ser reproduzidos involuntariamente e/ou propositalmente, pois o que é consumido, por meio da mídia, pode ter a intenção de estimular o sentimento de pertencimento e /ou dominação e, assim, estabelecer estereótipos vistos/impostos por esse aplicativo de conteúdos instantâneo na qual existe uma facilidade de acesso.

Na terceira década do século XXI, a interpelação que a mídia exerce na sociedade diz muito sobre os comportamentos atuais e os aprendizados perpassados pelos ambientes escolares, que muitas das vezes, não são frutos da própria sala de aula e dos livros, pois, segundo Wagner e Sommer (2016, p. 1)

[...]na contemporaneidade as nossas identidades são construídas a partir de diversas práticas discursivas, e não discursivas (textos, imagens, sons) e que, em nossa época, a educação não está mais a cargo apenas das instituições tradicionais modernas (escola, família, igreja) [...].

A pedagogia cultural mostra como é possível estar presente em diversos ambientes, e cada um deles possuir sua demanda de contribuição para a construção dos conhecimentos do ser humano, ressaltando a evolução de lugar de aprender, que não se limita mais a locais específicos. Assim, o conhecimento se aprimora sobre diversas áreas, nas quais podem ser construtivas, assim também aprendizados, que podem acorrenar a estereótipos pois os mesmos são passados como verdades. Wagner e Sommer (2016, p 02) explicam que

[a] noção de pedagogia cultural possibilita considerar como educativos a mídia impressa, programas de televisão, filmes, desenhos animados, museus, publicidade... Educativos porque nos ensinam determinadas forma de ser, de se ver, de pensar e agir sobre as coisas e sobre os outros. Educativos porque tais produções e artefatos culturais, ao colocarem em circulação determinadas representações (seja de que natureza for), vão se constituindo como materiais a partir dos quais as crianças, jovens e adultos vão construindo suas identidades de classe, gênero, de sexualidade e etnia.

Dessa forma, os espaços para a aprendizagens não são apenas as salas de aulas, mas locais na qual possua interação e trocas de saberes, e dentro dos ambientes escolares reverberam os aprendizados desses demais locais. Diante disso, um dos locais na qual a construção de estereótipos e objetificação do corpo feminino está presente é o TIK TOK, lugar na qual a pedagogia cultural encontra-se em diversas maneiras, ensinando modos de ser,

de estar e existir no mundo, o que podem incitar reproduções realizadas por crianças e adolescentes nos ambientes escolares.

Os aprendizados não advêm somente de conteúdos selecionados por meio do currículo formal escolar e dos exemplos familiares, mas por toda a prática vista, ouvida e vivenciada por meio do convívio social. Por meio disso, essa pesquisa baseia-se em argumentos teóricos sobre a precoce sexualização, os estereótipos femininos que são normalizados e romantizados pela sociedade e a visão de três docentes sobre o comportamento das alunas diante desses assuntos, nas quais são introduzidas também por esse aplicativo. “A formação do indivíduo vai além daquilo que é aprendido na escola, se tratando de crianças, aprendem observando, praticando, lendo, dialogando, participando daquilo que é cultivado na sociedade” (Roque, 2023, p. 27).

O trabalho possui caráter descritivo, pois além dos conhecimentos teóricos, o contato com a realidade daquelas que vivenciam os comportamentos de suas alunas mostram a realidade de uma possível romantização sobre o que é visto e ouvido nessa rede social. Segundo Gil (2002, p.24), a finalidade de uma pesquisa descritiva é descrever as particularidades do que está sendo estudado e/ou estabelecer vínculos entre fatores nas quais façam parte do assunto. Sendo ela uma pesquisa bibliográfica, descritiva e qualitativa, na qual a coleta de dados como a entrevista estruturada precisa ser levada em consideração, como também, o repertório teórico que faz parte dos estudos, mostrando a teoria sobre o assunto e é a partir disso que o trabalho começa a ser desenvolvido.

Os dados serão coletados por meio de uma entrevista estruturada, com um roteiro prévio, com cada uma das três docentes, feita separadamente, em suas escolas e contendo dez perguntas para cada uma, sendo elas:

1. Qual sua idade, nome, estado civil e tempo de profissão?
2. O que você entende por relações de gênero?
3. Quais redes sociais você acessa/utiliza?
4. Onde as suas alunas aprendem sobre sexualidade feminina?
5. Você acha que a escola/professores (as) deve participar de assuntos como esses: sexualização precoce, relações de gênero e a objetificação do corpo feminino?
Explique.
6. Como você percebe a presença do TIK TOK nos comportamentos das alunas da sua turma?

7. Os estereótipos femininos são ensinados desde o nascimento para as meninas.
Exemplo são: cuidados com o corpo, casamento heterossexual, maternidade, doçura e profissões específicas. Quais deles você observa na sala de aula?
8. O aplicativo TIK TOK pode influenciar em uma possível sexualização precoce?
Explique:
9. Como professora e mulher, de quais maneiras a objetificação do corpo e a sexualização precoce podem impactar as meninas da sua turma?
10. Você sente-se preparada para trabalhar em sala de aula sobre temáticas como: machismo, sexualidade, desigualdade de gênero, erotização feminina e a representação das meninas e mulheres nas redes sociais como o TIK TOK? Explique:

As perguntas, também estão no apêndice desse trabalho. Elas foram estruturadas a partir dos conhecimentos adquiridos durante todo o processo da graduação, das leituras e das discussões sobre os Estudos de Gênero, Educação e Sexualidade, Educação e Corpo, Estudos Culturais e Pedagogias Culturais. As vivências das entrevistadas são analisadas segundo as perspectivas dos Estudos culturais e Estudos de gênero. A coleta de dados fará uma ponte entre a teoria e o que é visto pelas professoras. Essa relação mostra como é a experiência de cada sala de aula, sendo elas; uma da Educação Infantil, Ensino Fundamental - Anos Iniciais - e outra do Ensino Médio, idades e etapas diferentes do crescimento do/a aluno/a. Essa relação será feita a partir dos textos utilizados e dos aprendizados sobre a temática. Com isso, a análise de dados, foi feita a partir dos conhecimentos de Gil (2002), relatando sobre a importância da interpretação dos dados. Os dados são interpretados sob a ótica das teorias feministas das relações de gênero.

A pesquisa se justifica, primeiro no âmbito acadêmico, seguindo as referências teóricas e com a percepção de três professoras, na qual estão em sala vivenciando as repercussões e as prováveis consequências geradas por meio de uma possível sexualização precoce, da objetificação do corpo feminino e dos estereótipos que estão presentes em vídeos e outros conteúdos da rede social TIK TOK. O estudo pode evidenciar, meio das experiências dessas docentes, quais os possíveis efeitos e impactos para as alunas que aparecem no ambiente escolar.

Diante de uma sociedade patriarcal e capitalista, abordagem como essa reflete em locais sociais de dominação, na qual a sociedade foi instruída a normalizar os corpos femininos como objetos do patriarcado, dos homens cisgênero e heteronormativos (Accorsi, Teruya, 2019). Para o meio acadêmico, trabalhar assuntos como esse expõe a necessidade de

uma educação sobre as relações de gênero realizada com responsabilidade, desde a educação infantil, afinal, as crianças já estão aprendendo sobre gênero em outras instâncias, sem mediação, uma delas é o TIK TOK.

As realidades escolares, sobre as reproduções de assunto como esse, trazem o interesse por saber qual a perspectivas das professoras. Isso será o foco desse trabalho, juntamente com a visão do comportamento das alunas diante da possível sexualização precoce, objetificação do corpo e os estereótipos femininos apresentados pela rede social.

Diante disso, o olhar e as vivências/experiências as quais as docentes possuem poderão mostrar como a normalização da dominação patriarcal está inserida na rede social e reproduzida no ambiente escolar e seus possíveis impactos sobre a sexualização e as percepções sobre gênero das meninas. É como se pudesse compreender o impacto do TIK TOK na escola, como adentrar às aulas, os recreios, as brincadeiras e o processo de ensino-aprendizagem.

Outro ponto importante para essa pesquisa é o grande o acesso a essa rede social sem nenhum tipo de acompanhamento por um adulto ou responsável. A falta de limites para o consumo de conteúdos nas quais podem incentivar uma dominação patriarcal e machista, resultam nas reproduções cotidianas da submissão e inferioridade, assim como diz Alcantara, Peixoto, Silva et al (2017, p. 271).

[o] patriarcado está presente em todas as relações sociais e também no meio em que estas se propagam. Um tipo de meio está direcionado à comunicação, à mídia televisiva. Esta contribui na formação da identidade social e pode ser de grande ameaça ao reproduzir diariamente em sua programação cenas que reforçam estereótipos de “mulher dona de casa”, “mulher gostosa”, “mulher burra”. A TV é um grande veículo de comunicação, e ao mesmo tempo em que emancipa, ela também aliena.

A comunicação e suas diversas formas de expandir os seus conteúdos, mostram como querem dominar as percepções e os comportamentos sociais. A interpelação é perceptível até mesmo quando na grande maioria dos desenhos a história se repete, havendo sempre, uma pessoa do gênero masculino, na qual seja forte, branco e salvador da pessoa do gênero feminino, que é indefesa e no final sempre ficam juntos. Esse conteúdo apresenta, de modo romântico, a lógica do patriarcado, a romantização das relações heterossexuais e a normalização da inferioridade, submissão e fragilidade feminina.

Esses comportamentos de dominação, romantização e inferioridade passam a ser reproduzidos nos demais espaços sociais se não houver uma leitura crítica sobre os saberes advindos, por exemplo, dos filmes. Entretanto, importante ressaltar que a lógica machista está

presente nas mais diversas esferas sociais, que vão da divisão binária das profissões aos papéis sociais que são generificados. Por isso, esse trabalho se justifica socialmente, por possuir uma problemática contemporânea. A distribuição de vídeos e conteúdos com teor machista e de inferiorização do gênero feminino podem ser reproduzidos nas salas de aulas, uma vez que podem colonizar os imaginários de estudantes e docentes. E se justifica em caráter pessoal por meio de todo o percurso acadêmico com as discussões sobre gênero, o patriarcado, a misoginia e a heteronormatividade. Por vivenciar durante a prática do estágio e a percepção de uma educação com base familiar na qual não limita seus filhos (as) ao que essa rede social apresenta, causando assim, uma inquietação sobre o assunto e anseio por novas descobertas. A seguir a tabela, apresenta algumas características das docentes entrevistadas:

Tabela 1 : perfil das docentes entrevistadas

Docentes	Sam	Alex	Clover
Formação	Professora da Educação Infantil	Professora da Educação Infantil	Professora de Língua Portuguesa
Usa o TIK TOK			X
Rede Municipal	X		
Rede Estadual		X	X
Ano de formação	Entre os anos 90 e 2000	Entre os anos 90 e 2000	Entre os anos 90 e 2000

Fonte: produção da autora

2 AS PERCEPÇÕES DE QUEM VIVENCIA A SALA DE AULA

Os dados desta pesquisa são de natureza qualitativa e detém as repostas de um questionário composto por 10 perguntas, nas quais as participantes **Sam, Alex e Clover**, discentes da rede pública, alinhadas às discussões de Lima, Silva Loureiro (2020, p. 133)

[...] grande parcela de crianças e adolescentes utilizam as redes sociais em seu cotidiano, participando de uma comunidade com inúmeras possibilidades de trocas, recursos visuais atrativos e vídeos de curta e longa duração planejados para prender e atrair a atenção de novos usuários. No entanto, ao chegarem na escola, na maior parte das vezes, esse público é convidado a permanecer desconectado durante o período de aula.

O uso de aparelhos celulares, pode prender a atenção de quem o utiliza, e isso, segundo a lei nº 15.100/2025 pode atrapalhar na concentração em sala de aula, no processo de ensino-aprendizagem e na interação social. Diante disso, a lei foi aprovada em 13 de janeiro de 2025, afirma no Art. 2, “Fica proibido o uso, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais durante a aula, o recreio ou intervalos entre as aulas, para todas as etapas da educação básica” (Brasil, 2025). Essa iniciativa, tem como proposta ampliar as relações sociais no ambiente escolar e o foco no aprendizado, por meio do que é vivenciado em sala.

Essa rotina de acessar a conteúdos rápidos, animados na qual prende a atenção dos/as alunos/as, foi o que algumas das professoras relataram, a falta de concentração e foco nas atividades por mais de quatro ou cinco minutos, precisando até parar a aula para uma conversa sobre essa falta de atenção.

Essa distração pode refletir também nos aprendizados advindos das redes sociais, não somente na falta de atenção e interesse em participar do que é proposto em sala, mas também nas relações de gênero e isso pode perpetuar na formação como cidadãs e cidadãos que, se não atentam/os, podem flertar ou seguir os pressupostos patriarcais. A professora **Sam** relata que o TIK TOK influencia na erotização das meninas, “ele influencia na questão da erotização né, principalmente das meninas”, assim como explica Mosna (2024, p. 11) que “é possível inferir que o consumo de conteúdos que abordam a sexualidade interfere, diretamente, no desenvolvimento da sexualidade e na erotização desses sujeitos”.

A rede social trabalha como pedagogia cultural e ao mesmo tempo que isso é bom no mundo contemporâneo, uma vez que as aprendizagens são mais amplas, advindas de diferentes contextos, o acesso a essas redes podem ser ruins para a formação dos/as alunos/as porque nem sempre há mediação dos assuntos, bem como não há supervisão integral da família/responsáveis.

Roque (2023, p. 19) analisa que o aplicativo destina à família a responsabilidade de monitorar as redes das filhas e dos filhos. “No menu “guia de pais e responsáveis” o TIK TOK informa que o responsável pode vincular a sua conta com a conta do(a) filho(a) para que tenha um controle sob os conteúdos que chegam para o adolescente”. Importante ressaltar que as redes sociais ensinam e podem até moldar pensamentos, comportamentos, jeitos de ver o mundo, assim como a professora **Clover** pontuou em sua fala, que a rede social “vai moldando a personalidade das meninas, começando pela baixa autoestima”, a busca da perfeição do corpo e isso pode tornar-se uma consciência coletiva e ela ressalta, “consciência coletiva, na qual aquilo que a maior parte da sociedade acredita e até mesmo impõe de maneira disfarçada acaba tornando-se uma verdade para essas meninas”, assim como, afirmam Carvalho, Ferreira, Nascimento e Sampaio (2022, p. 9).

[..]a mídia constrói a imagem do corpo feminino a partir dos valores socioculturais atrelados a mulher na sociedade em que está presente, de maneira a enaltecer um estereótipo quase que inalcançável para perpetuar a intensa e incansável busca pelo consumo desse modelo.

O corpo feminino é sempre discutido e exposto como algo público, na qual todos/as podem opinar e caracterizá-lo conforme for melhor para a sociedade e assim um estereótipo passa a ser idealizado e manipulado na vida da mulher desde a infância e o TIK TOK tornou-se esse lugar de exposição e imposição.

A prática dessa rede social, as dancinhas e vídeos curtos que prendem a atenção, faz parte de aprendizados adquiridos fora da sala de aula, as pedagogias culturais, mas são reproduzidos dentro delas. Essa pauta é tratada por todas as três professoras, na qual, afirmam que as alunas aprendem assistindo os vídeos do TIK TOK e acabam levando para a sala, as dancinhas, frases e a preocupação com o corpo, bem como os cuidados com a estética padronizada da sociedade patriarcal.

As duas primeiras entrevistadas, **Alex** e **Sam**, sendo uma da Educação Infantil e a outra do Ensino Fundamental I, falaram que nas salas nas quais estão lecionando no ano de 2024, percebem esses comportamentos, mas que não estão voltados a uma possível sexualização precoce, **Sam** ressalta, “na minha turma, a gente não percebe ainda, percebe-se outras coisas, dancinhas, né aquelas danças mais um pouquinho erotizada, mas não assim que leve mesmo para a sexualidade”.

Suspeito que seja uma ingenuidade das docentes, afinal elas fazem parte da sociedade patriarcal e machista e podem estar sendo coniventes com a sexualização das meninas, porque

não problematizam e isso reforça a objetificação dos corpos cantados pelas músicas. O patriarcado só funciona porque há mulheres compactuando com ele, como elas são educadas pela perspectiva machista de mundo, nem sempre estranham as prerrogativas patriarcais que aparecem na sua vida, na sala de aula. Um dos papéis docentes é estar comprometido com a formação cidadã de estudantes, assim, se a professora não visualiza a sexualização, logo ela não se manifesta e pode comprometer a consciência crítica e a cidadania dos seus alunos/as.

A construção do saber das meninas diante do que pode ser visto no TIK TOK, a fuga das vivências da idade acaba propiciando uma adultização precoce, assim como a professora **Alex** visualizou, sobre tentar mostrar qual o lugar para a criança, onde já é o espaço da criança e onde é espaço para adultos, enfatizando a infância e tudo que ela carrega, como mostra Guizzo (2024, p. 03)

[...]as crianças já não condizem mais com aquele ideal infantil tão propagado na modernidade cujas características vinculavam-se à doçura, à inocência, à fragilidade, à ingenuidade e à incompletude. Elas são, ao mesmo tempo, produtoras de culturas e produzidas nas culturas em que estão imersas.

Culturas essas imersas na sexualização precoce, nos estereótipos do gênero feminino e na objetificação do corpo, são apresentadas de forma rápida e aparentemente inofensiva, de maneira atrativa, alegre e, assim, prendendo a atenção sendo introduzida repetidamente na vida das crianças, atuando como uma pedagogia cultural, sobretudo, na vida das meninas, tornando-as propagadoras de conteúdos e comportamentos, como alega Nascimento, (2023, p. 11) “[a]o mesmo tempo em que a criança atua como produtora desse modelo de sociedade, também acessa e consome tal visão nessas redes, pautando padrões estéticos, comportamentais, de consumo”.

Essa imersão de conhecimentos adquiridos, pelas Pedagogias Culturais, sendo uma delas as que o TIK TOK apresenta, implicam na formação social da menina, **Sam**, a professora do ensino médio relata sobre isso e cita duas músicas as quais estão sendo muito reproduzidas nessa rede social, são elas:

Só preciso de um dinheiro pra comprar um mé
O leitin das criança e o Modess da muié
O resto é só fé, só fé, só fé
O resto é só fé, só fé, só fé.

(Greló,2024)

Músicas nas quais desqualificam, diminuem e objetificam os corpos femininos, sendo cantadas e dançadas por crianças e jovens, com coreografia exaltando partes íntimas do corpo feminino como algo público. Como a da segunda música.

Não é só sua pepeca que tem mel

Não é só sua boca que sabe levar pro céu
 Hoje eu vou sair, deixar meu corpo suando
 De graça ou pagando, de graça ou pagando, ô, ô.
 (Grelo,2024)

São essas músicas que, segundo **Sam**, são cantadas e dançadas pelas alunas. A primeira minimiza as necessidades de uma família em objetos, o que facilmente reflete os valores capitalistas, em que tudo é consumo. A segunda, com conotação sexual, trata sobre sexo oral e prostituição, assuntos tabus, que costumam inferiorizar e violentar as mulheres. A letra de vocabulário fácil e ritmo repetitivo colabora para que as pessoas não pensem sobre elas, apenas cantarolem, sem pensar, estranhar. Entretanto, **Sam** problematizou o assunto na entrevista, demonstrando entender as múltiplas camadas dessas músicas adentrarem as vidas dos/as adolescentes da sua escola. Wagner e Somer (2016, p. 2) explicam “[...] trata-se de considerar a mídia e a cultura por ela produzida como uma das instâncias sociais centralmente implicadas na produção de identidades sociais e subjetividades em nosso tempo”.

A identidade e subjetividade da menina passa a ser de acordo com o que convém ao patriarcado, na qual vai sendo inserido de forma fluida e discreta. Conforme o que relatou a professora **Clover**, sobre como as suas alunas já chegarem em sala com o futuro determinado, futuro esse, imposto por uma sociedade patriarcal, “[...]parece que as meninas já chegam na escola com o futuro já determinado, vocês serem professoras, donas de casa, casadas, mãe de filhos[...]”. Essa determinação faz parte de uma relação patriarcal de gênero, como pontua Alcântara, Peixoto e Silva (2017, p. 274) “[a]s mulheres são atribuídas papéis de mães e donas de casa” [...].

Essas determinações começam a ser transmitidas desde a infância, presente nas brincadeiras, nos presentes e na pedagogia cultural, Peixoto, Alcantara e Silva (2017, p. 274) continuam sua reflexão sobre a educação que é passada nos ambientes familiares.

[...]contribuem para sua disseminação, tendo em vista, que através da educação repassam aos seus filhos tais valores, quando proibem os meninos chorarem, pois “homem não chora” ou quando exigem das filhas que se comportem como mocinhas, ao sentarem de pernas fechadas. Esses valores interferem sobremaneira na inculcação dos papéis sociais e sexuais que homens e mulheres devem exercer na sociedade [...].

Papéis esses que, quando são apresentados por uma rede social, reafirmam ainda mais esses valores e é justamente isso que a rede social faz, segundo a professora **Clover** ela é perversa, “O TIKTOK ele é perverso, o TIK TOK ele trabalha coisa séria de maneira aparentemente engraçada e faz com que as meninas achem que temas dolorosos para a figura

da mulher sejam considerados engraçados e que as próprias utilizem o TIK TOK e se sintam a vontade para serem objetos”. A professora **Clover** continua: “é meio que ilusionismo, a impressão que eu tenho é que é meio ilusionismo, porque assim, o TIK TOK expõe a figura da mulher, ridiculariza a figura da mulher e essa mulher ainda se interessa e se concentra no TIK TOK”.

Esses aprendizados ou ilusionismo, como **Clover** pontua, são passados por responsáveis/família, TIK TOK, filmes, cadernos, mochilas, familiares, amigos e amigas e atuam como pedagogias culturais, mas, não cabe somente a eles essa responsabilidade, o Estado também tem sua obrigação no cuidado das crianças e adolescentes, assim, mostra a Constituição Federal de 1988 no (Brasil, 1988, art. 205).

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A educação não pode ser atribuída somente aos responsáveis dos/as alunos/as, nem tampouco exclusivamente à escola, mas sim, de todos/as que compõem a sociedade, incluindo o Estado. Outro meio legal na qual ressalta a responsabilidade sobre os cuidados é o Estatuto Da Criança e do Adolescente (ECA) (Brasil, 1990, p. 13) também ampara as crianças e adolescentes, responsabilizando por cuidados e educação a família, escola e o estado,

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

A responsabilização da escola/professores/as desperta um questionamento: as docentes estão preparadas para assuntos como esses, objetificação do corpo, sexualização precoce, relações de gênero e sexualização feminina em sala? E das três professoras entrevistadas, só uma, **Sam**, respondeu que estava preparada, “Sim, me sinto sim preparada no tocante onde a gente procura mostrar o que é cada item desse e fazer com que eles sejam crianças críticas, vejam se essa questão eles aceitam ou não aceitam, nessa linha aí, mostrar a realidade”.

As outras duas professoras, **Alex** e **Clover** responderam de forma diferente, frisando que sentem dificuldades, para que assuntos tão importantes possam ser trabalhados em sala de forma ativa e crítica. **Alex**, ressalta a diferença da sua geração para a atual, a cultura patriarcal e conservadora na qual foi vivenciada por muitos anos, mas ao mesmo tempo em que foi imersa nessa realidade, ela sabe da importância de olhar para suas alunas conforme a

contemporaneidade, com um olhar voltado para a valorização da mulher e ao mesmo tempo isso causa um certo impacto em suas crenças, sendo ela uma pessoa católica, na qual acredita e segue os costumes da igreja, uma religião conservadora, que não é simpatizante com a educação de gênero e com muitas lutas feministas.

Em sua fala, a professora **Alex** diz, “porque nós viemos de uma cultura, de uma geração mais conservadora aí tudo é impactante, aí eu digo, meu Deus, mas, eu sou professora a gente está lutando por esse espaço, ai dizem que mulher ela tem que estar aonde ela quiser, mas tem horas que isso também pra mim é impactante, por que para mim nem tudo convém”.

Alex continua:

por isso que eu digo que não estou preparada, eu posso até falar, como professora, eu posso até abordar sobre isso aí, mas, talvez eu mesmo não sinta segurança, porque eu não estou acreditando por completo. Eu não estou prepara para aceitar aquilo de ver uma criança rebolar porque diz que pode, o aparelho celular mostra também que diz que pode, mas eu não acho isso correto, criança tem que ter outra vivência eu tenho essa percepção.

Diante dessa fala, é visível o conservadorismo da docente, mesmo que ela tente adentrar nas relações de gêneros, ela se sente incomodada por isso. É uma invisibilidade do patriarcado disfarçado de cuidado e de costumes culturais, como salienta Arruza, (2015. p. 39).

[...]entendido como um sistema de relações, tanto materiais como culturais, de dominação e exploração de mulheres por homens. Este é um sistema com sua própria lógica, que é ao mesmo tempo maleável a mudanças históricas, em uma relação de continuidade com o capitalismo.

As relações de dominação presentes na cultura passam a serem mostradas e transmitidas pelo TIK TOK, de maneira leve e disfarçada em conteúdos aparentemente inofensivos e divertidos. Essa resposta de **Alex** reflete sobre o que pode estar acontecendo nas salas de aula. Essas pautas tratadas pelo currículo como temas transversais são pouco estudadas em formações continuada e os profissionais da educação acabam trabalhando isso de modo intuitivo quando se deparam com situações como as reproduções das alunas sobre o que está sendo consumido na rede social, mas sem muito preparo e formação didático-pedagógica para a abordagem do assunto.

A transversalidade do tema, é mencionada por **Clover**, em sua resposta quanto a sua preparação para trabalhar esses temas em sala. Ela diz

[e]ssas temáticas, que são inclusive transversais no currículo, elas não podem ser temáticas que o professor vai pesquisar nas redes sociais, pesquisar no site não minha gente, tem que ter material didático para o

professor, o professor tem que ser um pesquisador obviamente e tem que ser um estudioso, mas ele tem que ter material para isso.

Assim como **Alex**, a professora **Clover** não se sente preparada para trabalhar esses temas, falta formação continuada nesta perspectiva.

Como nos mostra Antunes e Raupp (2024.p, 08).

[...]essa formação continuada é onde as/os docentes poderão ter contato direto com textos de autoras/es, os quais trazem seus conceitos sobre a temática ofertada, possibilitando que professoras/es reflitam sobre suas práticas e pensem sobre novas abordagens.

É importante salientar que a Lei de Diretrizes de Base (LDB), lei de n. 9394 de 1996, no Art. 62, parágrafo único diz:

Garantir-se-á formação continuada para os profissionais a que se refere o caput, no local de trabalho ou em instituições de educação básica e superior, incluindo cursos de educação profissional, cursos superiores de graduação plena ou tecnológicos e de pós-graduação.

“Em 13 anos de magistério não tive uma formação continuada nessa perspectiva e se eu desenvolvo algum trabalho dentro desta escola e que tem dado resultado é um trabalho que eu desenvolvo estudando na minha casa com material eu busco na internet, sem nenhum material sistematizado, sem nenhum teórico que determine”. Essa fala é da professora atuante do ensino médio, **Sam**, na qual vivencia a realidade de escutar músicas cantadas e dançadas por suas alunas, com letras sexualizadas, assim, como já foi citada dois trechos acima.

Mesmo sem a devida formação continuada, as professoras procuram entender um pouco sobre as temáticas das relações de gênero, para assim, conseguir trabalhar no ambiente escolar de maneira mais compreensível com o assunto. A elaboração de projeto é um exemplo disso. A docente **Clover** relatou um pouco sobre “nós temos um projeto que é o Conexão Cidadã, que nós trabalhamos o ano passado, 2023, com a temática Jovens Mulheres Líderes do Amanhã”. A perspectiva do trabalho foi enfatizar a liderança das mulheres em lugares onde a maior parte é ocupado por homens, desmistificando o patriarcado.

Diante disso, as três docentes, **Sam, Alex e Clover** mostraram como é ser professora emergidas na era do TIK TOK, na qual, suas alunas reproduzem direta ou indiretamente, as relações de gênero apresentada por essa rede social. As temáticas como, uma possível sexualização precoce, a objetificação do corpo e os estereótipos femininos, nas quais podem ser salientados por meio da sociedade, que faz questão de refirma a inferioridade feminina, como afirma Baliscai (2022, p. 20),

[p]or tanto, práticas culturais não apenas descrevem corpos, mas criam corpos; não apenas descrevem gênero, mas criam gênero. Para tanto, recorrem a procedimentos, estratégias, dogmas religiosos, imagens e mesmo a teses científicas que privilegiam os homens, a quem, conforme defendem, os corpos e a sexualidade das mulheres deveriam prestar subordinação.

Com isso, as docentes são cientes da importância de trabalhar essas temáticas, mesmo com as dificuldades, e assim o fazem, com projetos e com pesquisas, mesmo que de forma particular e sem muito auxílio. Devido a realidade da sala de aula, que, mostra um pouco de como o TIK TOK influencia nas relações de gêneros e no que diz respeito a inferioridade da mulher e a normalização dela.

3- DAS SALAS, AS AULAS E SUAS RELAÇÕES DE GÊNERO.

A pedagogia cultural conduz um processo de ensino-aprendizagem, já relatada em algumas falas das professoras, assim como, as identidades sociais das meninas passam a ser construídas dentro e fora da sala de aula, a partir de algumas representações, assim como afirma Guizzo (2024, p, 8).

Na perspectiva dos Estudos Culturais, nossas identidades são vistas como construções sociais e culturais que são provisórias, temporárias e contingentes, na medida em que vão se modificando a partir das representações e dos discursos com que os sujeitos têm contato.

Os sujeitos estudados mencionaram essa identidade construída. As representações assistidas no TIK TOK podem delinear algumas concepções, como por exemplo, os estereótipos femininos, a idealização do corpo e submissão ao patriarcado. Em meio aos vídeos apresentados por essa rede social, estão as relações de gênero, Guizzo (2024) salienta que, os vídeos apresentados, reforçam uma performance de gênero a meninas e meninos, na qual, já são expostos pela sociedade, mas esses estão em um formato atrativo e invasivo.

A proposta apresentada por essa rede social prende a atenção do indivíduo, manipulando-o a sua representação para uma versão animada e realista. Mosna (2024, p. 04), diz que, “[...] o Tik Tok instiga o grupo infantojuvenil a identificar-se, facilmente, com as mídias exibidas no aplicativo, as quais manipulam e persuadem o infante a consumir e, inclusive, a replicar o conteúdo [...]”. Essa percepção, foi também, relatada por algumas das docentes entrevistadas, **Clover** enfatiza em sua fala sobre “o molde da personalidade feminina”, na qual acontece com alguns vídeos dessa rede social.

Esse molde, na qual a professora traz em sua fala, pode ser considerado como parte de um aprendizado da pedagogia cultural, que se dá em ambientes como o TIK TOK, a exemplo disso é o que Wagner e Sommer (2016, p. 2) enfatizam, “[a] rigor trata-se de pedagogias que operam pela sedução, que colonizam o desejo, que capturam indivíduos e produzem formas padronizadas de sujeito”.

Segundo os autores e as autoras, a pedagogia cultural emitida pela rede social opera na orientação e padronização dos estereótipos. Sendo transmitida disfarçadamente, para a aceitação e reprodução deles e moldando as relações de gêneros, na qual também sofrem uma romantização e normalização por quem acessa esses conteúdos.

As relações de gênero apresentadas por essa rede social são visíveis em suas representações nos ambientes escolares, as docentes, **Sam, Alex e Clover** mencionam situações como, dancinhas nas quais erotizam o corpo feminino, a preocupação com o corpo,

a exposição da figura feminina como objeto do machismo, são exemplos, de falas que elas, em meio a entrevista mencionaram.

Baliscei (2022, p. 19) comenta “Não se senta de pernas abertas”; “seja gentil e obediente”; “você tem a letra mais bonita da turma”; “não corra para não sujar e amassar a roupa”. Essas falas por si só já dizem a quem está se referindo. Conhecidas com marcadores sociais, frases como essas, foram passadas de geração por geração marcando o comportamento da criança do gênero feminino. Assim também, como Baliscei (2022, p. 19) explica, “Aperta a mão direito”; não fuja de uma briga”; “você precisa ser forte” e “que feio chorar em público”, são marcadores masculinos.

Frases como essas, não se faz necessário dizer para quem são direcionadas, elas são introduzidas pela família/responsáveis e por toda a sociedade de inúmeras formas, nas quais já estão normalizadas. Formas essas, que podem ser frases, cores, proibições de diversos tipos, (profissão, lugares, idade para relacionamento, idade para casar-se e engravidar) e várias outras. Assim, Baliscei (2022, p. 19), ressalta que, brinquedos, brincadeiras, objetos e cores fazem parte de uma masculinização e feminilização das crianças.

As relações de gênero são feitas em todo os lugares, ela está presente no cotidiano, mas de forma tão “normal”, na qual não é mais perceptível. E essa é a ideia da sociedade historicamente machista, na qual normalizam essas relações, assim ressalta Drummond (2023 p. 5) “[v]ê-se que está imbuído no imaginário da sociedade o conceito de que a mulher é naturalmente frágil e o homem, mais forte e agressivo [...]”.

Na sala de aula esse imbuído da sociedade faz parte do processo de aprendizagem, o currículo tem essa temática com transversal, não é algo específico para as aulas, sendo trabalhada quando o professor se propõe, muitas vezes por conta própria. A docente **Clover** fala sobre essa questão, já citada no trabalho.

No Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (1998, p. 65) explicam que

[n]essa perspectiva, as problemáticas sociais em relação à ética, saúde, meio ambiente, pluralidade cultural, orientação sexual e trabalho e consumo são integradas na proposta educacional dos Parâmetros Curriculares Nacionais como Temas Transversais. Não se constituem em novas áreas, mas num conjunto de temas que aparecem transversalizados, permeando a concepção das diferentes áreas, seus objetivos, conteúdos e orientações didáticas.

Essa transversalidade para algumas temáticas envolve a educação de gênero ou orientação sexual, como está nos PCNs (1998, p. 67)

[a] escola não substitui nem concorre com a família, mas possibilita a discussão de diferentes pontos de vista associados à sexualidade, sem a imposição de valores. Em nenhuma situação cabe à escola julgar a educação que cada família oferece a seus filhos. Como um processo de intervenção pedagógica, tem por objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados, sem invadir a intimidade nem direcionar o comportamento dos alunos.

Diante do que está exposto nos PCNs, a escola não é obrigada a tratar de temática como essa, mas como envolve questões da sociedade, fica a critério do docente, assim como, a forma de ser trabalhada. Sempre ressaltando que, não pode haver imposição de valores e julgamentos. Mas não proporciona ao docente um arcabouço teórico ou possibilidades de práticas pedagógicas para um efetivo trabalho.

A sala de aula é um dos lugares nos quais a troca de conhecimentos auxilia no desenvolvimento cognitivo e cidadão e quando é perceptível os (as) professores (as) não trabalham em cima desses aspectos por estarem envolvidos com a normalização da sociedade. Silêncio sobre o assunto também educa, é assim que se formam os tabus. A fase da infância é de descoberta e as crianças precisam saber como lidar com as descobertas, mas quando o/a docente não possui qualificação para tais temas e realidade, questões sociais, religiosas e pessoais podem ser inseridas nos aprendizados dos (as) alunos (as). Das três docentes entrevistadas somente uma disse que se sente preparada para tratar desses temas em sala de aula, as outras duas mencionaram não estarem preparadas e relataram a falta de formação continuada, pois é um assunto que está em constante evolução.

As entrevistadas são professoras formadas nos anos 90 a 2000, nesse tempo as discussões sobre educação de gênero, sexualização precoce e objetificação do corpo feminino eram outras se comparadas aos dias atuais. No entanto, elas estão imersas em salas de aulas repletas de alunos (as) de uma geração tecnológica, na qual a maioria possui em celular, rede social e traz para o ambiente da sala de aula, representações do que é visto nessas redes.

E como trabalhar essas temáticas sem o mínimo de preparação? Como ressalta a professora **Clover**, “o professor tem que ser um pesquisador obviamente e tem que ser um estudioso”, como já citado no texto. Mas, ela ainda ressalta que procura na internet, em sites que considera de maior confiança, procura ler sobre e principalmente, ela gosta de ouvir muito a Ministra do Supremo Tribunal Federal do Brasil, Carmen Lucia, para assim conseguir elaborar suas aulas e saber como trabalhar as representações apresentadas por seus alunos (as).

A professora **Alex** afirma não estar preparada para trabalhar essas questões e diz que o acesso às redes sociais sem o devido acompanhamento deixa ainda mais difícil para quem está em sala de aula, “E é como eu sempre digo, as coisas estão sendo colocadas para a gente de forma rápida e assustadora e que a gente não está sabendo como resolver, como administrar tudo isso gera tensão entre a gente mesmo, de não saber como resolver certas situações”.

A falta de uma formação continuada, ou de cursos, palestras e materiais didáticos deixam as docentes à deriva, o que é importante para a manutenção do patriarcado. A influência das redes sociais, em especial o TIK TOK, atribui as professoras outro lugar para ser compreendido, pois muitas das representações veem dele e embora o acesso a essa rede acontece de maneira simples, somente uma docente utiliza e de forma restrita, assim como **Alex** se refere:

Eu utilizo Instagram, mas eu só utilizo o Instagram para ver os stores dos principais jornais do país e do mundo para ficar informada e como meu tempo é corrido eu preciso ver os stores mesmo ai eu clico quando a matéria é importante, eu utilizo o LinkedIn por questões profissionais e gosto e eu gosto de cortes no TIKTOK sobre temas que me interessam, principalmente saúde mental e desenvolvimento pessoal e profissional.

E na contemporaneidade, é preciso ao menos conhecer algumas redes sociais, reitera Azevedo, Matos e Policarpo (2021. p. 5)

[p]recisamos compreender que na atualidade as redes sociais fazem parte do espaço de prática discursiva, o que de fato reflete de maneira direta e positiva no desenvolvimento do ensino em sala de aula. Isso porque necessitamos considerar as práticas sociais dos nossos alunos no momento da efetivação das aulas, pois é por meio de suas vivências sociais que a sua identidade escolar e cidadã é construída.

Diante de uma era digital, é importante para o/a professor/a conhecer as redes sociais que mais são utilizadas, principalmente por seus alunos/as. E na perspectiva da pedagogia cultural, esse ambiente pode ser uma ponte entre o/a estudante, as relações de gêneros, uma possível sexualização precoce, os estereótipos ao corpo e o machismo disfarçado de dancinhas e *trends*.

Mas, diante disso, é preciso compreender que não são todos/as docentes nas quais utilizam e dominam essas redes sociais, muitos/as sofrem um pouco na utilização delas. Assim relata a professora **Alex**, quando foi questionada sobre quais redes sociais ela utiliza,

“Olhe, o WhatsApp, o Instagram pouquíssimo, acho que só viu”, ela pouco sabe sobre o TIK TOK, a familiaridade com essa rede é só de ouvir falar.

Essa realidade é um ponto importante a ser considerado, pois se não há conhecimento sobre essa rede social, tampouco haverá muito conhecimento do que ela exhibe. Nesse sentido, Azevedo, Matos e Policarpo (2021. p. 5) explicam que “[p]or isso, precisamos compreender, conhecer e adotar essas mídias/redes sociais que perpassam o contexto da tecnologia digital para a realidade do ambiente escolar [...]”.

Diante da fala de **Alex**, o conhecimento do que se trata o TIK TOK e o que ele expõe, fica a critério do/a docente. As representações que podem ser expostas no ambiente escolar devido ao que é visto na rede social e por conseguinte, deixa-os um pouco mais preparados e cientes do que está sendo reproduzido e qual o instrumento tecnológico usado.

A familiarização com esses conteúdos facilitará um pouco as discussões em sala e fora dela. O conhecimento sobre as temáticas representadas nos vídeos da rede social, dará um arcabouço social para o/a professor/a saber como conduzir os assuntos. Mostra cominhos para trabalhar didaticamente as relações de gêneros, e as temáticas referentes a ela. Assim, o/a docente fica ciente do que se trata as representações e poderá pesquisar sobre. Como a professora **Clover** pontuou no texto já citado, sobre professor/a ser um eterno pesquisador e ela mencionou também, como faz para ir atrás de temas transversais, já que não é comum ter uma formação teórica e prática sobre esses temas.

Visto que, a tecnologia está inserida em todas as partes do cotidiano, inclusive no processo de ensino-aprendizagem e formação de cidadãos, mas é necessário o uso adequado do que é exposto nas redes sociais. Monteiro (2020, p. 9), diz “[o]s estudos apontam que se faz importante articular as práticas pedagógicas produzidas em sala de aula aos novos modelos de aprendizagem que integram as tecnologias comumente utilizadas pelos conectados”.

Com tudo, diante da realidade apresentada pelas docentes **Sam, Alex e Clover**, esse cenário de usar a tecnologia de forma adequada, ter preparo para as temáticas transversais, ter o conhecimento dos conteúdos abordados no TIK TOK e principalmente a compreensão das relações de gênero e dos estereótipos nas quais são reproduzidos no ambiente escolar, ainda é algo ideal na teoria, mas pouco efetivo na prática. Existe muitas dificuldades no caminho percorrido de um/a professor/a, assim como foi relatado por todas três, durante todo o trabalho.

Assim, é visto que, diante das percepções das professoras entrevistadas, as reproduções dos conteúdos expostos pelo TIK TOK em sala de aula pelas meninas,

demonstram uma possível sexualização precoce, uma dominação dos estereótipos femininos marcados por uma sociedade machista e patriarcal, mas também, um déficit na formação inicial e continuada do/a professor/a.

As percepções das três docentes, mostram parcialmente a realidade de uma professora, em cada etapa, educação infantil anos iniciais, ensino fundamental e ensino médio. Posicionamentos diferentes e perspectivas semelhantes fazem a pluralidade da docência, mas as preocupações sobre os aspectos pesquisado neste trabalho são similares. O impacto do TIK TOK na manutenção dos estereótipos e a sexualização precoce das meninas fazem parte dos relatos, sobretudo na compreensão da pedagogia cultural e necessidade de um acompanhamento efetivo da família/responsáveis, escola e sociedade. Assim concordamos com Roque (2023, p. 27) “[a] formação do indivíduo vai além daquilo que é aprendido na escola, se tratando de crianças, aprendem observando, praticando, lendo, dialogando, participando daquilo que é cultivado na sociedade”. Ainda que não o assunto não tenha sido esgotado, a prerrogativa deste trabalho está comprometida em observar, ler, dialogar e emancipar crianças e jovens inseridos/as na sociedade do consumo e patriarcal.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo investigar os estereótipos, os comportamentos e a objetificação do corpo feminino mediante o que é visto no TIK TOK por meio do olhar das professoras. Vimos, portanto, que os estereótipos de beleza associados à magreza, tendências de maquiagem, branquitude, os quais são padrões na sociedade estão presentes nas escolas. Muitos desses conteúdos aparecem como música, dancinhas e *trends*, facilmente vistos por quem acessa o TIK TOK, que não apresenta uma política de privacidade, como a faixa etária, por exemplo, explanando assim, todo e qualquer conteúdo, visando somente o número de visualizações e compartilhamentos. As temáticas dos vídeos vão de receita de comida, a desabafos da vida pessoal e as dancinhas, essas, muitas das vezes, contendo uma sexualização e exposição dos corpos femininos.

Diante das leituras feitas, ressalto a pedagogia cultural como algo importante para o desenvolvimento do trabalho. A pedagogia cultural, como teoria, evidenciou que o TIK TOK está presente nas escolas, com ou sem o consentimento e formação continuada das professoras. Vimos que há pedagogias culturais do TIK TOK nas identidades estudantis exibidas nas salas de aula, conforme o relato das professoras.

Nessa perspectiva, a pedagogia cultural do TIK TOK pode promover a aceitação acrítica do patriarcado e propagação do machismo, normalizando a objetificação do corpo e os estereótipos femininos exposto pela sociedade, que são apresentados de forma atrativa. Esses aspectos passam a ser reproduzidos em outros ambientes, como por exemplo, a sala de aula e é nesse lugar onde a pesquisa mostra o entendimento de três docentes, com a visão dessas representações em seu ambiente de trabalho.

A **pergunta orientadora foi:** como as performances de gênero do TIK TOK aparecem no ambiente escolar a partir do olhar docente? Diante dessa pergunta o trabalho foi orientado, com argumentos teóricos e com uma entrevista estruturada, feita com três docentes atuante na rede pública e de etapas diferentes da educação. Para assim, ser observado se as reproduções dos conteúdos visto na rede social são expostos nas salas de aulas e como cada umas das professoras entendem sobre essas relações de gêneros que acontecem conforme o que é assistido.

Mediante as respostas de cada uma das docentes, foi perceptível a interação do assunto com as vivencias da sala de aula, pontuaram sobre as suas perspectivas, dificuldades e importância de trabalhar em sala de aula as relações de gênero.

As performances de gênero do TIK TOK aparecem na escola pelas danças, músicas e *trends*, que não são estranhadas ou questionadas pelos/as estudantes, ainda que uma professora, a **Sam**, faça problematizações sobre o assunto. Os olhares docentes foram múltiplos, houve quem questionou as pedagogias culturais oriundas do TIK TOK, houve quem se viu despreparada para realizar as abordagens e houve quem associou as relações de gênero como um ataque às crenças pessoais.

A partir das expressões e respostas à entrevista, foi perceptível a visão de cada uma diante do assunto, os relatos sobre a compreensão das relações de gêneros, da sexualização precoce, dos estereótipos impostos às mulheres, da cultural patriarcal e machista se mantiveram, mesmo que as professoras não visualizem em todas as alunas, elas próprias demonstram flertar com os temas, seja por falta de formação continuada ou devido aos valores pessoais.

Em suas falas, elas ressaltam o perigo que é o uso inadequado dessa rede social sem acompanhamento de um responsável/familiar. Ambas concordam que a sala de aula deve ser um lugar para refletir sobre essas representações, entendendo que o que é visto no TIK TOK pode ser considerado como verdade e acaba interpelando o crescimento social das meninas como cidadãs, acreditando e normalizando os estereótipos femininos, os pensamentos conservadores e patriarcais como ter como única opção de vida adulta, casar-se, ter filho e servir ao marido.

Outro ponto importante nas respostas e no desenvolvimento da pesquisa é a falta de preparo das docentes sobre o assunto, duas delas relataram não estarem preparadas, com formação continuada suficiente, para trabalhar esse assunto de maneira científica, correta e imparcial, como mencionado anteriormente. A formação é sobre ter preparo acadêmico e subsídio teórico-prático, para, assim, poderem trabalhar de maneira correta e não com o senso comum ou com suas próprias conclusões.

A formação continuada, como uma assistência para os/as professores/as, poderia ampliar os conhecimentos sobre a temática, abranger múltiplas formas pedagógicas de trabalhar em sala de aula, a sistematização do assunto como social e não impor questões religiosas e valores particulares de cada professor/a sobre o tema.

Ofertar cursos com as mesmas propostas de algumas disciplinas do curso de Pedagogia-UFS, como por exemplo, Educação e Corpo, Educação, Relações de Gênero e Sexualidade e o grupo de Pesquisa PEPECA, mostrando as perspectivas do tema e teóricos nas quais deem um suporte para que os/as docentes possam trabalhar com maior propriedade do tema.

E compreender que a responsabilidade de trabalhar essa temática não é só da escola/professor/a, mas também do Estado. Seguindo a Constituição Federal e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), é dever do estado, da família e da escola, sendo assim, não cabe responsabilizar somente a classe docente. É uma união e participação de todos/as, pois nas relações de gêneros, também é feito a construção do caráter e desenvolvimento social.

Diante disso, esse trabalho foi realizado para investigar as percepções das professoras, que estão vivenciando as representações de gêneros, nas quais as meninas reproduzem no ambiente escolar, devido o acesso ao TIK TOK. Apresentando conteúdos de forma atraente e aparentemente inofensivos, mas que reverberam na formação da identidade dos sujeitos que vivenciam a sociedade e a educação.

REFERÊNCIAS

- ACCORSI, Fernanda Amorim; TERUYA, Teresa Kazuko. A pesquisa como ato reflexivo de coragem e disputa por significado. **Revista Textura**, Canoas, v.22, n.49, p. 190-204, jan/mar.2020. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/5206>. Acesso em 29 de nov. de 2024.
- ALCANTARA, Patrícia Pereira Tavares de; PEIXOTO, Camila Lopes; DA SILVA, Adriana Maria Simião. **As relações patriarcais de gênero na família**: influência da mídia televisiva. *Holos*, v. 7, p. 270-277, 2017. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/5436>. Acesso em:31 mar. 2024.
- ARRUZA, Cinzia. Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. **Revista outubro**, n. 23, 1º semestre de 2015. Disponível em: https://ecossocialismopsolsp.wordpress.com/wp-content/uploads/2020/07/2015_1_04_cinzia-arruza.pdf. Acesso em: 31 mar. 2024
- ANTUNES, Leandro. RAUPP, Graziela. A relevância da formação continuada de - educadoras/es sexuais: um olhar sobre as concepções e práticas docentes. *Revista Interdisciplinar de Filosofia e Educação*. Caicó/RN, V, 24, n 01, janeiro, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/34574>. Acesso em: 07 nov. 2024.
- AZEVEDO, L. F.; MATOS, S. R.; POLICARPO, L. K. S. O uso da rede social Tik Tok: uma estratégia interativa para o despertar da leitura. **Revista Research, Society and Development**, v. 10, n. 13, outubro, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/21119>. Acesso em: 21 mar. 2024.
- BALISCEI, J. P.; MAIO, E. R.; CALSA, G.C. Um ovo azul e outro rosa: Pedagogia Kinder e a construção visual dos gêneros e das infâncias. **Revista Visualidades**, Goiânia, v.14, n. 1, p.284-315, jan./jun., 2016. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/36655>. Acesso em: 17 mai. 2024.
- BALISCEI, João Paulo. “Parabéns, é uma criança!”: cultura visual (heteroterrorizante) nos chás de revelação. In: BALISCEI, João Paulo. **É de menina ou menino?** Imagens de gêneros, sexualidades e educação. Curitiba: Editora Bagai, 2022, p. 18-30.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.
- BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, DF: Presidência da República, 1990.
- Brasil. Lei nº 15.100/2025, 13 de janeiro de 2025. Diário Oficial da União. Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2025/lei-15100-13-janeiro-2025-796892-publicacaooriginal-174094-pl.html>. Acesso em 04 fev. 2025

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília, DF: SEF, 1997.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2024

CARVALHO, M. A. T.; FERREIRA, J. M. N.; NASCIMENTO, V. G.; SAMPAIO, E. O. Influência das mídias sociais no processo de erotização infantil: fator determinante para um processo precoce da adultização? **Revista Eletrônica Estácio**, V. 8, n 01, p. 1-12, agosto, 2022. Disponível em: <https://reer.emnuvens.com.br/reer/article/view/665>. Acesso em: 31 mar. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GUIZZO, Bianca Salazar. YOUTUBE E A PRODUÇÃO DAS INFÂNCIAS: um olhar para as questões de gênero. **Revista Periferia: educação, cultura e comunicação**, Rio de Janeiro, v.16, p.01-17, 2024. Disponível em:

GRELO. *Só fé*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VTu8CrbsNk> Acesso em: 04 out. 2024.

GRELO. *De graça ou pagando*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=H_Ux_GFy55g. Acesso em 04 out. 2024

LIMA, Luciana, SILVA, Danielle Gonzaga, LOUREIRO, Robson Carlos. Redes sociais e docência: um estudo sobre a integração da rede social Instagram no contexto escolar. Revista Multidisciplinar Humanidade e Tecnologia (FINOM), Minas Gerais. V.26- julho/set. 2020. Disponível em: https://revistas.icesp.br/index.php/FINOM_Humanidade_Tecnologia/article/view/1324/0. Acesso em: 20 set. 2024.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes, RIBEIRO, Paula Regina Costa. **(Re) Pensando as Representações de Gênero nos Episódios de Peppa Pig**. Rev. Diversidade e Educação, v.2, n.4, p. 38-41, jul./dez. 2014. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=%28RE%29+PENSANDO+AS+REPRESENTA%3%87%3%95ES+DE++G%3%8ANERO+NOS+EPIS%3%93DIOS+DE+PEPPA+PIG&btnG=. Acesso em: 25 abr. 2024.

MONTEIRO, Jean Carlos da Silva. TIKTOK COMO NOVO SUPORTE MIDIÁTICO PARA A APRENDIZAGEM CRIATIVA. **Revista Latino-Americano de Estudos**, V. 1, n 02, p. 5-20. Mar./Abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/ipa/article/view/30795>. Acesso em 21 mai. 2024.

MOSNA, Arthur. A rede social TikTok e a erotização precoce de crianças e adolescentes: considerações à luz da hipervulnerabilidade do consumidor e da proteção integral à criança. **TCC**. Graduação. Faculdade de Direito da Universidade de Passo. Rio Grande do Sul. 2024. Disponível em: <http://repositorio.upf.br/handle/riupf/2720>. Acesso em 09 out. 2024.

NASCIMENTO, Danielle Marques. O USO INADEQUADO DO APLICATIVO TIKTOK E OS POSSÍVEIS IMPACTOS NEGATIVOS NO DESEMPENHO ESCOLAR DA CRIANÇA. 2023. **TCC**. Graduação. Licenciatura em Pedagogia. Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Amazônia- AM. Disponível em: <https://riu.ufam.edu.br/handle/prefix/7438>. Acesso em: 10 out. 2024.

ROQUE, Mirths Mercedes Costa. A PEDAGOGIA CULTURAL DA EROTIZAÇÃO INFANTIL: ANÁLISES VIDEOGRÁFICAS NO TIK TOK. 2023. **TCC**. Graduação. Licenciatura em Pedagogia. Universidade Federal de Sergipe- UFS. Itabaiana- SE. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/19836>. Acesso em 27 mar. 2024.

SOUSA, M. B. M. L.; VARGAS, J. R. Juventudes e pedagogias culturais: lições muito além da escola. **Revista Textura**, v.26, n 65, p. 302-323, jan./mar. 2024. Disponível em: <http://posgrad.ulbra.br/periodicos/index.php/txra/article/view/7743>. Acesso em: 17 mai. 2024.

Temas sensíveis e para adultos. **TIK TOK**. Março de 2023. Disponível em: <<https://www.TIK TOK.com/community-guidelines/pt-br/sensitive-mature-themes/>>. Acesso em 02 de dez. de 2024.

WAGNER, Irmo; SOMMER, Luís Henrique. **Mídia e Pedagogias Culturais**. 2016

APÊNCICES

Questionário aplicado às três docentes, Sam, Alex e Clover.

- 1- Qual sua idade, nome, estado civil e tempo de profissão?
- 2- O que você entende por relações de gênero?
- 3- Quais redes sociais você acessa/utiliza?
- 4- Onde as suas alunas aprendem sobre sexualidade feminina?
- 5- Você acha que a escola/professores (as) deve participar se assuntos como esses: sexualização precoce, relações de gênero e a objetificação do corpo feminino? Explique.
- 6- Como você percebe a presença do TIK TOK nos comportamentos das alunas da sua turma?
- 7- Os estereótipos femininos são ensinados desde o nascimento para as meninas. Muitos deles como por exemplo, ter um corpo magro, casar-se, ser mãe, ser heterossexual, ser obediente ao companheiro e entre outros. Quais deles você observa na sua sala de aula?
- 8- O aplicativo TIK TOK pode influenciar em uma sexualização precoce? Explique:
- 9- No seu lugar como professora e mulher, acredita que a objetificação do corpo e a sexualização precoce pode impactar de quais maneiras as meninas da sua turma?
- 10- Você sente-se preparada para trabalhar em sala de aula sobre temáticas como: Relação de gênero e a sexualidade feminina? Explique:

